

**DE SONHOS E DEVANEIOS:  
UM OLHAR SOBRE AS METÁFORAS DO AMOR  
NA MPB E NO POP ROCK**

*Luciana Marino do Nascimento (UFAC)*  
[luciana@ufac.br](mailto:luciana@ufac.br)

A escrita como construtora de uma realidade, assemelha-se ao traçado da viagem, exatamente por levar o leitor a um cenário, que é erguido pela palavra. Lembremos a frase bíblica “no princípio era o verbo”. Assim o é a poesia, “filha da palavra”, conforme nos ensina Octavio Paz. Paixão e desejo são temas recorrentes ao longo da cultura e da literatura ocidentais e, sem dúvida, percorrem a MPB e Pop Rock envoltos nas mais variadas metáforas e representações.

Se a Ciência Médica na Grécia Antiga já postulou que o amor e a paixão nascem no fígado, posteriormente afirmou-se que nascem no cérebro, através do olhar, que envia estímulos para o primeiro (SCLIAR, 1996). Seja como for, a ideia de amor encontra-se tão presente na literatura, no cinema, no teatro, na telenovela, como na música e ao longo da tradição ocidental encontra seus primeiros ecos nos Diálogos de Platão (1979). Nos postulados do Filósofo Grego, o Amor era filho da Penúria e da Abundância – algo que escapava ao plano imediato das coisas deste mundo, como é descrito em *O banquete*, no qual entram em cena Eros e o desejo de continuação do sentimento e também o amor contemplativo nas palavras sublimes da sacerdotisa Diotima.

Já na tradição Cristã, podemos ler nas Cartas de São Paulo uma acepção de amor agápico, universal, sob a luz da caridade e da fraternidade, ou seja, um amor desapegado do corpo. Recordemos a música de Renato Russo, “Monte Castelo”, na qual ele recria a Carta bíblica de São Paulo e as concepções de amor camoniana e agostiniana: “Ainda que eu falasse a língua dos Anjos, que falasse a Língua dos homens, eu nada seria sem o Amor...”.

E é entre o apelo de Eros e o sublime cristão que Djavan poetiza e recria o amor na nossa contemporaneidade. Investindo numa poética do corpo, da paixão e do erótico, que desliza nos

elementos da natureza, o músico alagoano assim abre sua famosa canção “Oceano”:

Assim que o dia amanheceu, lá no mar alto da paixão,  
Dava pra ver o tempo ruir,  
Cadê você que solidão, esquecera de mim.  
Enfim de tudo o que há na terra não há nada em lugar nenhum  
Que vá crescer sem você chegar.

Circunscrita sob a metáfora do mar, a paixão djavaneana clama pela ausência do outro. Quando nos remetemos à metáfora, aludimos à origem da palavra grega *Metá-fora*, no sentido de transportar algo. E, na canção, há um transporte feito através do olhar do sujeito para um lugar de busca desse outro, que representa algo necessário tanto para a vida desse sujeito poético como também para a natureza:

Enfim de tudo o que há na terra,  
não há nada em lugar nenhum,  
que vá crescer sem você chegar.

Nesses versos está, pois, em cena, a visão do feminino como mulher, mãe, matriz geradora. Matriz ou útero, eis o signo gerador de sentidos que marca a presença e o corpo feminino nesse oceano de paixões. Freudianamente, o sujeito poético deseja essa matriz como aconchego e proteção (FREUD, 1976). Segundo Freud, todo o processo inconsciente da sexualidade, sob a as amarras do superego, consiste em desviar o primeiro apetite sexual, que é transformado em inclinação erótica, dirigindo-o para um objeto distinto que substitui o pai ou a mãe. (FREUD, 1976, p. 46)

Descrevendo traçados por meio de palavras, Djavan, em sua música “Cigano”, traz para cena poética um trajeto metafórico em busca da amante, encenando-se, assim, uma relação amorosa, marcada eminentemente pelo desejo, pelo conhecimento e pela conquista do outro, como podemos observar no uso de sintagmas verbais, tais como: “Te querer”, “Te seguir”, “Te encontrar”, “Correr atrás de ti”, “Me jogar sem medidas”. Tais passagens refletem a intensidade da relação amorosa, na qual a paixão está em cena, associando-se poesia e erotismo. A poesia é uma erótica verbal, enquanto o erotismo é uma poética corporal.

O sujeito poético em Djavan demonstra seu desejo amoroso, utilizando a metáfora da viagem pelo corpo da amante em tons fortes e sensuais, como podemos observar no fragmento “Viajar entre pernas e delícias”. De acordo com Octavio Paz, “o corpo é uma presença, uma forma que, por um instante, é todas as formas do mundo”. No jogo erótico, a viagem é uma das metáforas recorrentemente utilizadas, conforme atesta Octávio Paz:

viajar entre pernas e delícias,  
 Conhecer,  
 Dar notícias,  
 Devassar sua vida

Ao buscar o outro, o sujeito poético expõe de maneira natural e sublime, o ato sexual e a paixão: “viajar entre pernas e delícias /juntos, dentro, horas”/ “Tudo ali às claras”, numa busca incessante do infinito do outro. A contemplação à natureza após o ato sexual leva o sujeito a um estado de êxtase com posterior sensação de alheamento. E Djavan chega a uma equação por meio de uma “harmonia dos círculos concêntricos” (PAZ, 1994, p. 25), com belas imagens da natureza, que são fixadas por meio das pinceladas da pintura impressionista, como se pode observar no seguinte enunciado: “as gaiotas já vão deixar suas ilhas”. Este enunciado nos indica a presença e permanência do amor. De acordo com Octávio Paz, “o amor pode ser agora, como o foi no passado, [ou seja], uma via de reconciliação com a natureza. Não podemos nos transformar em fontes ou árvores, em pássaros ou touros, mas podemos nos reconhecer em todos eles” (*Idem, Ibidem*, p. 193). Esta imagem como cenário, nos sugere, o que Freud afirma acerca do amor e da paixão, ou seja, estes constituem o desejo do sujeito em restabelecer a sua totalidade, tendo em vista que o ato de nascer retira o indivíduo de um contexto de totalidade, o que o faz comparar a pessoa amada ou o ato de amar aos elementos da natureza (PAZ, 1994, p. 110):

Juntos, dentro, horas  
 Tudo ali às claras  
 Deixar crescer  
 Até romper  
 A manhã  
 Como o mar está sereno  
 Olha lá  
 As gaiotas já  
 Vão deixar suas ilhas

Veja o sol  
É demais essa cidade!  
A gente vai ter  
Um dia de calor...

O enunciado que fecha a cena final, é pontuado por reticências, o que dá a ideia de uma continuidade, ou seja, eterniza aquele belo momento vivido pelo sujeito poético. Acrescente-se, ainda que o enunciado “A gente vai ter um dia de calor”, sugere uma coloquialidade e informalidade como também uma atmosfera quente, não só típica do verão, mas também de um ardente desejo sexual, sendo este coroadado pelo sol. O erotismo captado pela expressão artística de Djavan é expressa em função de um impulso para a totalidade do ser, para sua permanência além de um instante transitório e para sua união com o universo. Assim, podemos perceber que toda a expressão do amor e do erotismo na música “Cigano”, nos é sugerida por traços artísticos, que recolocam o lirismo na cena contemporânea, época da fragmentação e superficialidade das relações amorosas, traços estes que podemos apreender em uma das canções do grupo mineiro Skank.

Estão em cena, na música do grupo mineiro, a paixão, o desejo, a presença do outro e o amor no cotidiano. Ressalte-se que tais elementos apresentam-se de forma difusa, nos mostrando o pulsar da vida na nossa contemporaneidade, época em que tudo está fadado a passar como um lampejo, pelo rápido envelhecimento e exaustão, sendo que o estilo na escrita apresenta recursos que demonstram uma expressividade que nos a rapidez de nosso tempo, conforme podemos observar nos versos de “Balada do amor inabalável”:

Leve essa canção de amor dançante pra você lembrar de mim,  
Seu coração lembrar de mim,  
Na confusão do dia a dia,  
No sufoco de uma dúvida,  
Na dor de qualquer coisa.  
(...)  
Mesmo que a gente se separe por uns tempos,  
Ou quando você quiser lembrar de mim,  
Toque a balada do amor inabalável,  
Swing de amor nesse planeta.  
(...)

Planejando pra fazer acontecer,  
Ou simplesmente refinando essa amizade,  
Eu vou dizendo na sequência bem clichê:  
“Eu preciso de você”.

Como se pode observar, a fragmentação e a indefinição de sentimentos e idéias nos são mostradas em “Balada do amor inabalável” como paradigmas do comportamento do homem contemporâneo, sempre pautado pelo rápido movimento. Tal comportamento é bem expresso, quer seja pelos seus conceitos acerca da vida e dos relacionamentos como também pelo modo de organizar o discurso escrito. Em tal escrita predominam as elipses, a ocultação de objetos, usos de sintagmas verbais no gerúndio, o que fornece bem a medida de uma pseudocontinuidade, como também evita o comprometimento do sujeito em um relacionamento mais profundo. Observe-se quem planeja e o que se planeja:

Planejando pra fazer acontecer  
ou simplesmente refinando essa amizade

Segundo Sírio Possenti (2002, p. 140), a elipse denota uma indeterminação sintática a ser resolvida por regras semânticas e discursivas, levando o receptor da mensagem a lançar um olhar sobre os enunciados que antecedem aquele em que ocorre a elipse.

Ainda como marca do traço contemporâneo, na música em tela, apontamos o clichê (MONTEIRO, 1996, p. 9). O clichê constitui uma metáfora desgastada; um chavão, que funciona como agente de expressividade em virtude de sua própria banalidade cumprindo um papel ativo na expressividade do cotidiano revelado, em “Balada do amor inabalável”:

Eu vou dizendo na sequência bem clichê:  
“Eu preciso de você”.

A música de Samuel Rosa, ao tematizar o discurso acerca do relacionamento amoroso de um sujeito na faixa etária dos 25-45 anos, nos mostra certa leveza, que é dada pelo modo como as proposições são feitas para uma possível interlocutora e pelo uso de palavras inglesas, o que denota que esse sujeito pouco quer se comprometer e a cada dia busca uma novidade, sendo que o romance já possui data de início e de fim:

Mesmo que a gente se separe por uns tempos  
Ou quando você quiser lembrar,  
Toque a balada  
Seja antes ou depois,  
Eterna love song de nós dois.

O lirismo amoroso presente na cena musical do Skank nos mostra que os sujeitos se embaralham numa espécie de lugar vazio, de forma paradoxal: vazio porque é um espaço da possibilidade do vir a ser. Por outro lado, esse vazio é também fonte de angústia existencial e social, que vem a ser (mal) preenchida pelo clichê e pela eterna busca de algo que o sujeito possivelmente já encontrou, mas ainda não tem consciência do fato.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DJAVAN. *Ao vivo*. Vol. 1. Sony, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1996.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama, amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PLATÃO. *O banquete*. São Paulo: Abril, 1979.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SCLIAR, M. *A paixão transformada*. História da Medicina na Literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.